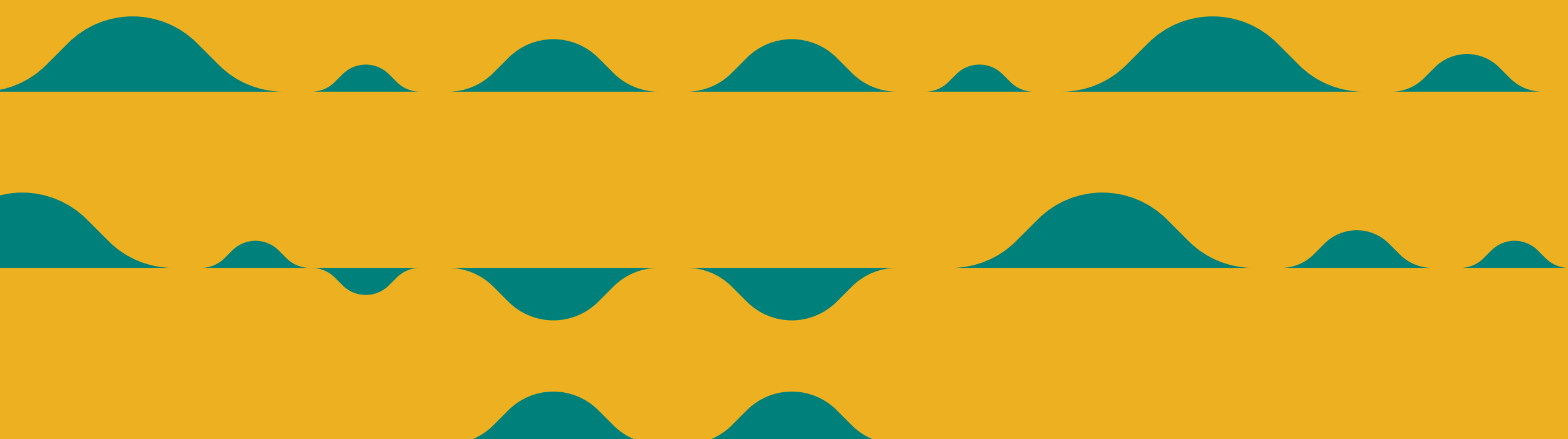
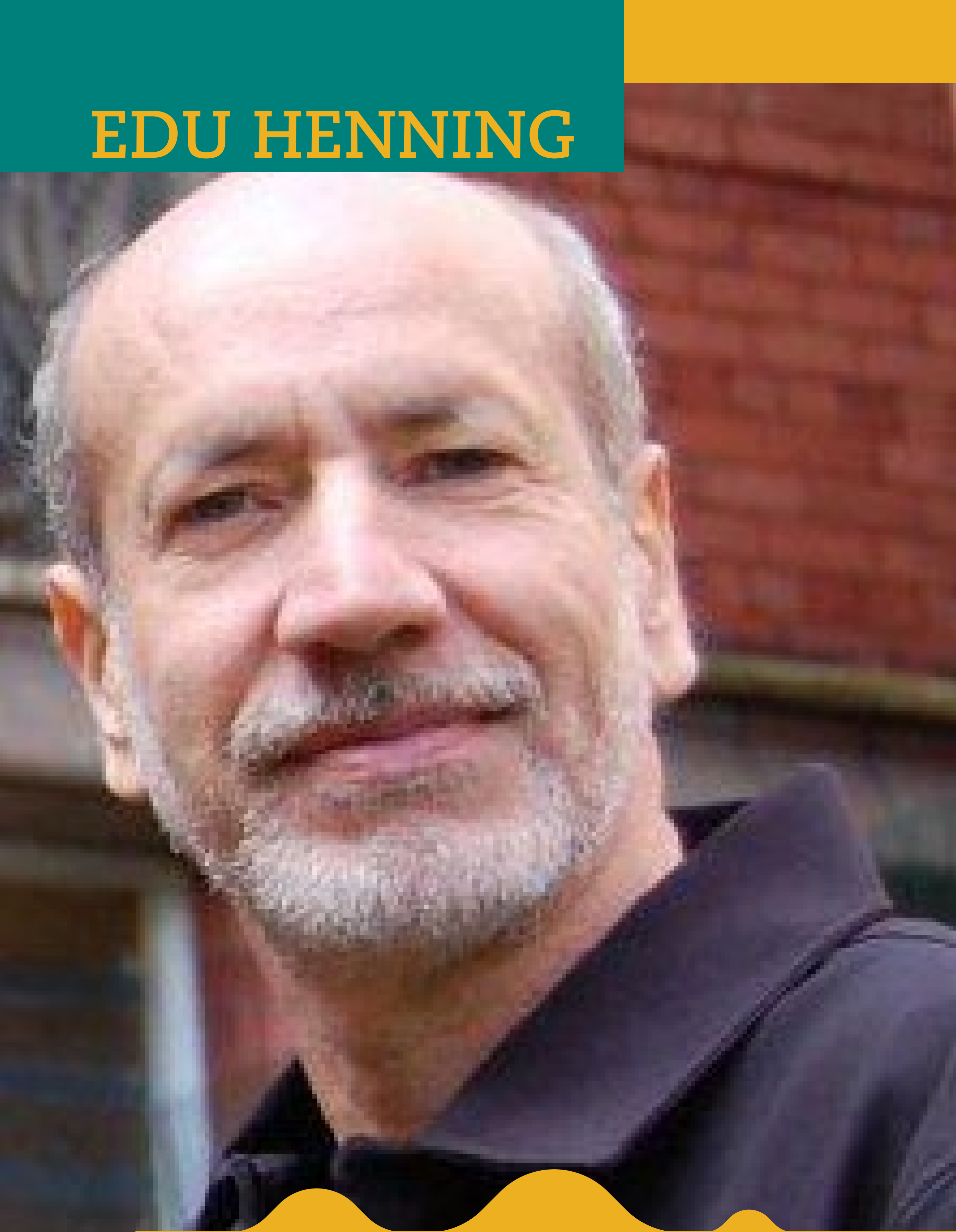


Entrevistas

Parceiros



EDU HENNING



Edu Henning foi presidente da Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo de 1997 a 2009.

Foto: Acervo pessoal

Formação acadêmica e profissional

Jornalista, radialista e membro da banda Clube Big Beatles; ex-presidente da Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo.

É importante destacar o papel da Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo no embrião do Projeto Vale Música. Fui o primeiro presidente da Associação, entre 1997 e 2009. Ao circular pelos bastidores de um concerto do Vale Música, percebi que estávamos no caminho certo: estávamos mostrando a um grupo de jovens que, além de estarem ganhando uma visibilidade na sociedade de uma forma completamente diferente de qualquer outra, eles estavam assumindo uma responsabilidade de se projetar e de pensar no futuro”

Edu Henning

Na sua memória, como se deu a fundação do Projeto Vale Música? Quem foram os idealizadores e de que forma começou? Fale, por favor, sobre o papel da Associação de Amigos da Orquestra no embrião do Projeto.

É importante destacar o papel da Associação de Amigos da Orquestra no embrião do projeto. Eu acho importante falar sobre a Associação de Amigos da Orquestra, que foi criada para que a Orquestra ganhasse um certo vigor, uma relação de maior respeito. Naquele momento, a Orquestra vinha sofrendo uma série de pressões, ela não se desenvolvia, não explodia, não acontecia. Houve muita dificuldade para o Helder na contratação de músicos, para formação do grupo como um todo, era necessário quase o dobro de músicos para compor a Orquestra. Ela era frágil, fraca em número de pessoas/participantes, mas não em qualidade de componentes. Essa era minha visão inicial a respeito da Associação de Amigos da Orquestra, que tinha o objetivo de fortalecer esse processo como um todo. Ao mesmo tempo, existia uma preocupação de fazer com que a Orquestra tivesse vida própria. E como é uma Orquestra ligada ao Governo do Estado, ela não poderia ter projetos e criar relações com empresas, porque isso poderia gerar uma série de dificuldades em termos administrativos nos órgãos de fiscalização do Governo. Então, naquele momento, foi necessário, do ponto de vista legal, criar uma Associação que pudesse fazer essas amarrações e conseguir algumas coisas para a Orquestra. Algumas empresas entravam com dinheiro e, em contrapartida, ganhavam as possibilidades de divulgação de sua marca

no Teatro. Conseguimos promover um equilíbrio para tentar ter dinheiro suficiente.

Em determinado momento, a Associação percebe que as pessoas precisariam ganhar dinheiro. E como fazer o funcionário público ganhar um pouco mais? Ministrando aulas, se doando mais à profissão que ele abraçou. Por meio da Associação, começamos a criar projetos e possibilidades para que os funcionários da Orquestra pudessem ser professores, se envolver mais, fazer o dinheiro girar e aumentar a sua renda com cachês. Isso se daria fora da Orquestra, porém, ligado à Associação. Foi aí que surgiu o Projeto Vale Música. Não tenho certeza do momento em que o Projeto foi criado, mas acho que surgiu depois que os Amigos da Orquestra passaram a buscar um caminho nesse sentido.

Lembro claramente que foi o Bené (José Benedito) que trouxe a ideia do Projeto. Não tinha esse nome ainda; acho que o nome Vale Música veio a partir do momento em que percebemos que a Vale seria uma ótima parceira. Esse ponto precisa ser posto nessa pergunta: como se deu a fundação do Projeto Vale Música e quem foram os idealizadores e de que forma teve início. O Projeto tem início depois da Associação de Amigos da Orquestra. Salvo engano, foi criado por um grupo muito pequeno, do qual faziam parte a Gracinha Machado e o Bené, como cocriadores do Projeto ou como criadores exclusivos. E o papel da Associação de Amigos da Orquestra nesse embrião foi este: vínhamos crescendo e, quando apareceu a possibilidade, nós a abraçamos. E a Associação começou a ter um posicionamento legal, uma possibilidade legalizada de conversar com

as empresas. Algo que a Orquestra, formada exclusivamente por funcionários públicos, não tinha autonomia por lei.

Qual o seu papel no início do Projeto? Quando assumiu a presidência da Associação de Amigos da Orquestra?

Fui o primeiro presidente, de 1997 a 2009. Eu tinha visibilidade, em função do meu papel enquanto jornalista e ligado à música, e poderia contribuir com esse posicionamento da Orquestra relativo a cobranças por melhores condições de trabalho. Os locais de ensaio não dispunham de coisas básicas, como papel higiênico. A Associação tinha a função de cobrar a microcondição para os ensaios. Não só de cobrar, mas também de identificar parceiros, para que eles pudessem trabalhar. A função era a de dialogar, alinhar solicitações. Acho que essa foi a minha maior contribuição: não ser funcionário público. A Associação era formada por pessoas que não eram funcionários públicos e que podiam se posicionar e tomar partido em defesa da Orquestra, sem medo. Porque ali existia a fragilidade do maestro, que se batesse de frente podia perder o emprego. As pessoas que trabalhavam na Associação também eram ligadas à Orquestra e, conseqüentemente, eram funcionárias do Governo. É a partir desse momento que um grupo se organiza, por meio da Associação de Amigos da Orquestra, para defender o interesse de todos. Nem todos estavam envolvidos, nem todos pensavam dessa forma; existiam pessoas que viam a Associação como algo que não teria resultado nenhum. Até mesmo dentro do próprio grupo de componentes da Orquestra,

havia bandas que eram a favor, grupos que tinham opiniões contrárias, outros que não se importavam e outros que não se envolviam com absolutamente nada. Então, fomos detectando quem estava interessado em se mobilizar e quem estava confortável na situação em que a Orquestra se encontrava naquele momento. Meu papel no início do Projeto foi o de “amarrar pontas”. Depois que essas pontas foram amarradas, a própria estrutura da Associação de Amigos da Orquestra fez o resto.

Na sua opinião, qual foi a sua principal colaboração para o Projeto Vale Música e para a Associação de Amigos da Orquestra naquele momento? A parceria com a TV Gazeta para divulgação dos concertos surgiu naquela época?

A parceria com a Rede Gazeta para divulgação dos concertos surgiu naquela época. A minha colaboração foi de coordenação. O Projeto Vale Música nasceu dos músicos, da necessidade dos profissionais de encontrar soluções para administrar os atrasos dos seus salários, salários baixos, que não eram compatíveis com a condição de sobrevivência dos componentes da Orquestra. Simultaneamente, havia a necessidade de contratação de outros profissionais – o que demandaria concurso – para que a Orquestra tivesse condições de operar de forma adequada.

Para que o maestro conseguisse realizar alguns concertos tendo a Orquestra com condições de apresentar algo realmente relevante para a sociedade – em termos de resultado final de apresentação –, ele tinha que trazer músicos de Belo Hori-

zonte para completar a Orquestra. E isso não era feito com o dinheiro do governo, e sim com o dinheiro da Associação de Amigos da Orquestra, por meio do patrocínio dos associados como amigo ouro, amigo prata etc. A ideia não era ganhar dinheiro, colocar dinheiro no bolso, e sim trabalhar um projeto para fortalecer a imagem da Orquestra, dar condições mínimas para que aqueles concertos pudessem ser apresentados e que seus componentes não ficassem quase como uma orquestra de câmara. Era fazer com que eles realmente tivessem condições de apresentar algo impactante, volumoso, que ganhasse espaço, e que eles se sentissem integrantes de uma orquestra.

Acho que a minha maior contribuição foi mostrar para esses líderes políticos, então posicionados em cargos públicos relevantes, que existia uma necessidade de organização. A Associação de Amigos da Orquestra trouxe esse espírito de organização; queríamos mostrar que, de forma organizada, poderíamos entregar resultados maiores e melhores, com o teatro lotado. Cansei de ouvir: “Mas quem está interessado em ouvir música erudita?!” Ouvi isso de secretários, de subsecretários e de pessoas ligadas ao governo. Então, como é que a gente poderia ter um resultado em fortalecimento da Orquestra? Era através de um teatro lotado, com ingressos esgotados, com rapidez. Através da criação de situações em que se pudesse fortalecer, diante dos líderes políticos da época, que aquilo ali tinha um interesse público.

Quando chegamos à conclusão de que era necessário ter mais visibilidade, procurei a Maria Alice Lindenberg, então diretora da Rede Gazeta, e apresentei a ela a ideia da Associação

de Amigos da Orquestra. Mostramos que a TV Gazeta poderia abraçar a Orquestra Sinfônica de uma forma especial, mesmo que estivesse num contexto do Governo do Estado.

Ali, foi fechado um acordo com a Associação de Amigos de que a Orquestra, a partir dessa parceria, teria a marca da TV Gazeta presente. Houve questionamentos de pessoas da Comunicação e da Secretaria de Cultura do Governo do Estado que ficaram incomodadas com o fato de que aquilo estava acontecendo sem o dinheiro público. A Rede Globo local cobrava uma fortuna para eles anunciarem... O que era compreensível, pois era o negócio da empresa e, ao mesmo tempo, eles tinham a relação com a comunidade. Então, a parceria para a associação da imagem da empresa com a Orquestra – que já vinha fazendo um trabalho de necessidade de sustentação de visibilidade e de sustentação dos músicos – foi concretizada, permanecendo até os dias atuais.

Apesar das mudanças da diretoria, do crescimento da Rede Gazeta, da modificação da relação da comunicação da Organização, do afastamento natural da Maria Alice Lindenberg e das mudanças de governo, o carimbo da Rede Gazeta nas apresentações da Orquestra Sinfônica continua. Isso tem um motivo: no passado, a empresa percebeu que esse apoio era relevante para sua relação com a comunidade.

Associar uma empresa a uma Orquestra e à música erudita direciona a atenção e traz um olhar mais atento para a Rede Gazeta de uma parcela do empresariado interessada nesse estilo musical. Com isso, tivemos o teatro lotado, por várias vezes, e também diversos concertos, além do Projeto Vale Música. O

maestro foi para as escolas e foram elaborados concertos baseados em temas de filmes, com a projeção das imagens e os temas dos filmes selecionados sendo interpretados ao vivo.

Começamos a criar uma série de projetos que foram de extrema importância – tanto quanto o Projeto Vale Música –, com o objetivo de dar visibilidade à Orquestra, de ganhar espaço em notas de jornais, ocupar espaço nas emissoras de TV. Logo surgiu um volume grande de ideias, de projetos e de concertos diferentes, para a Orquestra manter a associação com a TV Gazeta, sempre com novidades. A TV Gazeta foi extremamente importante a partir do momento que nos abraçou para que pudéssemos ser criativos e ter novidades quinzenais, sempre com coisas novas, temas novos e projetos novos.

E quais foram as principais dificuldades enfrentadas no início do Projeto?

Posso elencar as dificuldades naturais para a implantação de um projeto: de credibilidade, de resultados, de impactar uma comunidade através da entrega de um violino, de trazer esse menino para dentro de uma orquestra...Tem algumas dificuldades naturais. Primeiro, por parte do próprio aluno que chega para uma orquestra, para o aprendizado de uma série de instrumentos que não são comuns ao seu universo, que não fazem parte da sua memória afetiva. Você tem que ensinar, tem que cuidar da sua roupa e ensinar até sua postura de comportamento em relação aos outros companheiros. Mas isso é natural.

Há também o orgulho que esses meninos adquirem a partir do momento em que superam a barreira do aprendizado: ao superar a dificuldade dos primeiros passos de aprendizado do instrumento, o aluno começa a tocar um pouco, percebe que tem resultado, que ele consegue fazer a música acontecer através dos seus dedos, da sua cabeça, do seu pensamento e do seu instrumento. Ele começa a ter uma relação de curiosidade, de interesse e depois de resultados e projeções futuras. Será que eu vou ali, será que eu chego lá? Acho que isso é fundamental, como tínhamos os resultados da fase em que o aluno levava o instrumento para casa. Ele chega na comunidade dele com o *case* do violino, ele entra no bairro, na rua em que mora, com o espírito de orgulho. Ele se torna um elemento visto de forma diferente pelos seus pares. Era tão legal ouvir relatos de garotos com orgulho de levar o *case* para casa, de levar o violino para casa. Isso é um ponto muito importante para o resultado, fornecia muito vigor e era combustível pra gente. A Vale abraçou o Projeto de uma forma muito ampla, muito rigorosa na parte administrativa, mas muito aberta à possibilidade de crescimento. Isso é algo que precisa ser sempre ressaltado.

Você se lembra da primeira vez em que assistiu a uma apresentação das crianças e jovens alunos do Vale Música? Onde foi esse concerto e qual era o contexto?

Eu me lembro de assistir a dois ou três ensaios do Vale Música para um concerto, que eu não sei se era o primeiro. Eu me recordo muito do olhar de alguns meninos. De como eram di-

ferentes os olhares durante o ensaio e durante o concerto. Nos ensaios, você tinha o olhar do curioso, o sorriso, o olhar do lado para observar o que o colega estava fazendo, como o outro estava agindo naquela mudança da música, no clímax da música e todos muito atentos ao maestro. E me lembro dos bastidores desse concerto. Ali, vi alguns alunos tensos, preocupados, porque na plateia estavam a família, a comunidade, os tios e os amigos, né? Pessoas que iriam ver o resultado daqueles meses, daquele período que antecedeu o concerto. Que iriam assistir ao resultado dos meses de preparo, do envolvimento, das histórias que esse menino do Vale Música levava para dentro de casa, além do instrumento que ele ensaiava.

Eu percebi, ao circular pelos bastidores, algo que talvez poucas pessoas estivessem percebendo: que estávamos no caminho certo. Porque estávamos mostrando a um grupo de jovens que, além de estarem ganhando uma visibilidade na sociedade de uma forma completamente diferente de qualquer outra, eles estavam assumindo uma responsabilidade de se projetar e de pensar no futuro. A possibilidade de subir ao palco, de receber um aplauso, de ser reconhecido como um elemento importante da sociedade, a partir do trabalho em grupo.

O que talvez o Projeto Vale Música tenha de mais interessante é oferecer àquele jovem a possibilidade de se transformar em um ponto importante do coletivo. Ele podia ter o momento do solo, de certa visibilidade numa canção, mas o importante é que ele era parte integrante da Orquestra. Você como grupo tem um resultado muito maior do que sozinho. Pode parecer piegas, pode parecer pouco, mas acho que isso era um fator

muito importante no resultado do Vale Música. Até porque tínhamos muita dificuldade de locomoção, nos ensaios havia muita dificuldade até para coisas básicas, como papel higiênico e água. Porém, com a participação da Vale no processo, demos um salto de qualidade tremendo.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e que depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita?

Eu me lembro de dois irmãos, mas não sei se estavam ligados ao Vale Música. Eram dois irmãos que trabalhavam como borracheiros e que tocavam na Orquestra do Projeto. É uma história muito legal pelo fato de eles serem borracheiros e as mesmas mãos que davam porrada no pneu, para consertar o buraco da câmara, e que faziam um trabalho que exige mais força, eram as mesmas que tocavam violino e cello.

Quais os momentos mais marcantes e emocionantes você vivenciou com o Vale Música? Momentos que ficaram na memória afetiva.

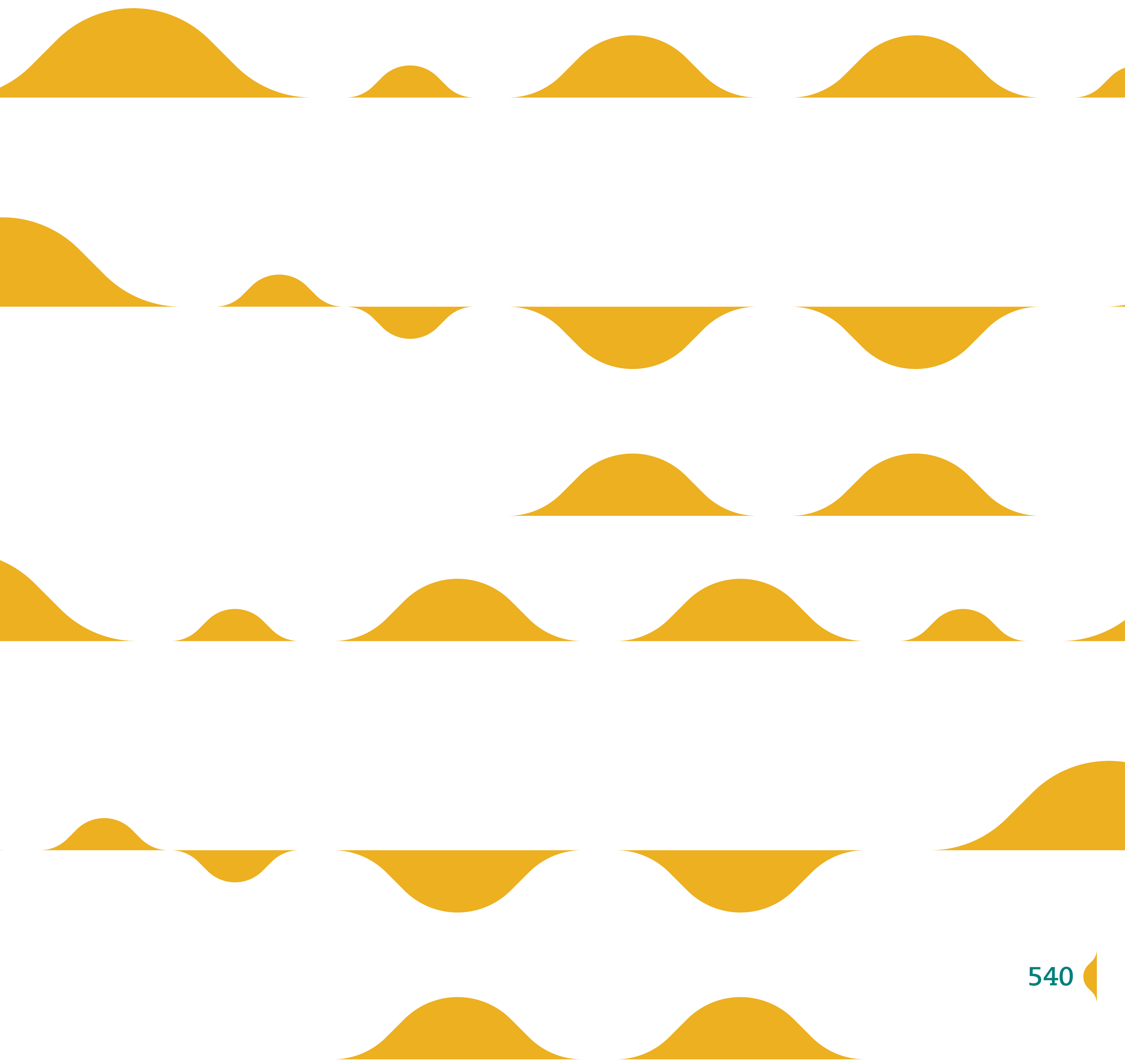
Eu acho que respondo com aquele primeiro concerto. Quando terminou o concerto, lembro dos alunos com as suas roupas simples, né? Porque a gente não conseguia roupas maravilhosas para eles, nós conseguíamos que eles se apresentassem com camisetas legais. E eu observava que, ao final do concerto, os familiares e amigos estavam ali com as suas melhores

roupas, com seus grandes sorrisos, com os olhos marejados de felicidade de ver o neto, o filho, o irmão arrumado num palco, com luz, com aplauso e com o resultado final de um concerto. Aquela certamente não era a música da família, mas era a música que aquele membro daquela família, daquele grupo, daquela comunidade estava abraçando, e era extremamente bonito você observar o término dos concertos e as pessoas se encontrando com seus familiares e amigos com os sorrisos, as alegrias, aquele olhar vitorioso. E perguntando: “E aí, gostou, mãe? E aí, vó, curtiu?” Isso é marcante. Até hoje é emocionante. E é o resultado do trabalho que a gente espera da música. Não só da música erudita, mas da música. A música tem essa capacidade de envolvimento e tem a capacidade de transformação.


Quando e de que forma se deu o seu afastamento do Projeto?

Meu afastamento do Projeto acontece a partir do meu afastamento da Associação de Amigos da Orquestra. Depois desses anos todos, chegou um certo momento em que o quadro mudou. A Associação de Amigos já não era mais necessária. A Orquestra já estava consolidada no mercado como algo importante para a sociedade. Os governos que entraram depois trataram a Orquestra de forma diferente. Ela ganhou força, ganhou vigor, ganhou integrantes, e chegou a ter um número mínimo suficiente que agradava ao maestro. O Projeto Vale Música e os outros projetos nas apresentações já aconteciam de forma natural. A Associação de Amigos já não tinha mais

necessidade de cavar apoio, patrocínio, ajuda. Não tinha mais necessidade; ela havia sido criada com um intuito que foi alcançado. A Orquestra estava em outro patamar. Naturalmente me afastei, dei minha contribuição, gostei e foi uma experiência ótima. O afastamento se deu da forma mais carinhosa possível. Tenho muita gratidão por ter participado desse Projeto, não só do Vale Música, como também do fortalecimento da imagem do trabalho da Orquestra.



BEATRIZ PAOLIELLO LINDENBERG

A close-up portrait of Beatriz Lindenberg, a woman with dark, wavy hair, looking off to the side. She is wearing a green sweater. The background is blurred, showing warm, bokeh lights, suggesting an outdoor setting at dusk or night.

Beatriz Lindenberg coordenou o Projeto Animação, patrocinado pela Vale, por meio do qual alunos do Vale Música e do Centro Cultural Caieiras produziram trilhas sonoras de animação.

Foto: Viola Scheuer

Formação acadêmica e profissional

Formação em Comunicação Social/ Jornalismo (Ufes), com pós-graduação em Educação e Cultura, pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO BRASIL)

Função atual

Diretora do Instituto Marlin Azul



Eu me considero parceira do Vale Música até hoje. Foi uma parceria que se formou muito pela identificação de ideais dos projetos, pelos ideais artísticos e de natureza social. Nós nos juntamos muito especialmente por esse motivo que tínhamos em comum”

Beatriz Lindenberg

Na sua memória, como se deu o começo da parceria entre o Projeto Animação com o Vale Música?

O nascimento do Projeto Animação ocorreu de forma muito espontânea. Nós não tínhamos idealizado um projeto e nem tínhamos tentado viabilizá-lo. Ele nasceu de uma experiência de Oficina de Animação em uma escola municipal de Vitória em 2001. A experiência foi muito bem-sucedida e emocionante. Sempre tive um olhar atencioso para a relação entre o cinema e a escola pública, especialmente sobre a entrada da linguagem do cinema nas escolas municipais. Então, começamos a desenvolver as oficinas de forma experimental, na escola Juscelino Kubitschek, no bairro Maria Ortiz. Foi muito bacana porque pudemos observar a materialidade do cinema para sala de aula. Elaboramos uma Oficina de Animação apresentando a película, o filme, para que os alunos pudessem entender como se faz a mágica de transformar uma imagem parada em movimento, como que ela rodava no projetor, como era o quadro a quadro.

O Projeto Animação, durante um longo período de sua existência, foi patrocinado diretamente pela Vale. Mas a primeira oficina não teve patrocínio. No nascimento do projeto, nós tínhamos uma parceria com o Centro Técnico Audiovisual, o braço de formação da Secretaria de Audiovisual do Ministério da Cultura. O patrocínio da Vale ocorreu já no ano seguinte. O Centro Técnico Audiovisual era parceiro irrestrito, e a atuação deles era no cinema de animação. Eles tinham o equipamento, que era um projetor por meio do qual podíamos desenhar sobre a

película, e as crianças já viam o resultado da animação na hora. Então, foi uma forma muito imediata de entender o quadro a quadro, a formação do movimento a partir dessa construção do desenho. Aí, buscamos fazer uma segunda oficina, tentando aplicar outra técnica. Fomos para a escola Izaura Marques, no bairro Andorinhas, onde experimentamos o *pixilation*, uma técnica de animar pessoas, os próprios alunos; depois, na escola Neusa Nunes, em Nova Palestina, aplicamos a técnica com desenho em folha de papel e o *pixilation*. Na quarta oficina, na escola Eliane Rodrigues dos Santos, em Ilha das Caieiras, propusemos a mesclagem do desenho 2D (em papel) e o *stop motion* ou animação com massinha de modelar. A última oficina foi numa escola chamada Moacyr Avidos, na Ilha do Príncipe.

Desde o início, a gente sempre procurou identificar qual tema os alunos gostariam de trabalhar e direcioná-lo para que fosse relacionado àquele lugar e à realidade deles. Em Maria Ortiz, por exemplo, eles desenharam coisas relacionadas ao caranguejo e ao manguezal. Foi uma maneira muito divertida de introduzir a importância do manguezal para aqueles jovens. E surgiu todo o debate sobre preservação dos manguezais. Já em Nova Palestina, há um olhar voltado para a tradição da pesca.

As oficinas eram sempre um sucesso porque, em 2001, era raro ter oficinas nas escolas com projetos livres e artísticos. No final, fizemos um círculo de cinco oficinas, pegando toda a região do manguezal. Em Caieiras, encontramos com o Fábio e a Alcione. Trabalhávamos em escolas vizinhas, nos conhecíamos e estávamos fazendo um trabalho muito parecido, muito alinhado: nós com a animação e eles com a música. E quando as

cinco oficinas ficaram prontas – todas com um olhar sobre Vitória –, entendemos que podíamos juntá-las e montar um filme muito bonito, muito rico. Isso aconteceu ao longo de um ano e logo viria o Vitória Cine Vídeo. A ideia era apresentar o filme no encerramento do Festival, para um público de até 1.200 pessoas. Só que não dava tempo e tínhamos um longo processo de finalização pela frente. Não tínhamos a trilha sonora e estávamos envolvidos com o processo de lançamento do Festival. Então, surgiu a ideia de fazer a trilha ao vivo.

Essa foi uma experiência inédita, não? Como se desenvolveu a apresentação da Banda de Congo Mirim no Vitória Cine Vídeo?

Conversei com o Fábio e com a Alcione, e eles fizeram a sugestão de alguns congos. Nosso tema estava muito alinhado. Fizemos o encerramento do festival, no Teatro Glória, com cerca de 50 crianças no palco, tocando a trilha ao vivo. Não tinha um roteiro musical, uma sonoplastia do filme. Era uma colagem das cinco oficinas com uma colagem de músicas de congo que já fazia parte do repertório deles. Acho que ainda era o Projeto Congo na Escola, não me lembro se o grupo já era conhecido como Banda de Congo Mirim. Não houve propriamente um ensaio; foi uma apresentação das imagens do filme com as crianças tocando ao vivo.

Foi um momento mágico, que nem nós do Projeto, nem o Fábio, nem a Alcione tínhamos a noção de como aquilo podia ser lindo, magnífico e impactante. Eram 50 crianças no palco

com o filme, que foi o resultado daquela colagem da oficina. Elas receberam mais de um minuto de aplausos das pessoas, de pé. Foi um estrondo e muito emocionante. Essa experiência ocorreu em 2001 e, a partir dela, vimos que se tratava de um projeto audiovisual e decidimos que queríamos realizá-lo nas escolas.

Então, formatamos o projeto e o submetemos à Vale, que se interessou em patrociná-lo. A síntese do projeto era introduzir a linguagem de animação nas escolas municipais de Vitória através da produção de desenhos animados. Fizemos algo mais elaborado, introduzindo Oficina de Roteiro, e organizamos um projeto. O Projeto Congo na Escola estava começando na mesma época. Para dar a Oficina de Roteiro, nós trouxemos o Paulo Halm, um roteirista bastante renomado, com um currículo robusto e que ficou famoso como autor da novela “Totalmente Demais”, da TV Globo. Nasceu daí o filme “Portinholas”, baseado no livro infantil da Ana Maria Machado.

Um dia, fui assistir a uma apresentação da Orquestra Jovem Vale Música, no Theatro Carlos Gomes. Eu não sabia da existência da Orquestra e a achei deslumbrante. Como o projeto precisava de uma narrativa sonora, pensei que eles pudessem participar. Estamos falando do ano de 2002. Essa apresentação não era da série Concertos Didáticos – eu já peguei a fase da Academia de Ensino. Foi o meu primeiro contato com o maestro Helder Trefzger e acho que a primeira experiência de composição musical dos alunos do Vale Música para a trilha sonora de um filme. O Helder compôs os trechos musicais e fez um exercício de criação com os alunos, costurando um pouco da

experiência deles na composição. Foi a primeira experiência dessa turma em compor com base em imagens, e ainda contou com a participação da Banda de Congo. Acho que essa foi a primeira experiência da Orquestra Jovem Vale Música e da Banda de Congo Mirim da Ilha juntas.

Esse trabalho resultou no filme “Portinholas”. No lançamento da animação, em 2002, no palco do Teatro Glória, metade era composta pela Orquestra Jovem Vale Música e a outra metade, pela Banda de Congo Mirim da Ilha, com os dois grupos apresentando a trilha sonora ao vivo. Tinha a narração dos alunos que fizeram a animação e uma senhora, interpretada pela Gleycy Coutinho. E era um roteiro mais musical do que de diálogo. Tenho imagens dessa apresentação ao vivo e imagens dos ensaios no estúdio. Nós levamos os alunos da Orquestra e da Banda de Congo para o estúdio para a gravação da trilha sonora, que virou um elemento do filme. Eles tiveram a experiência de estúdio, de gravar uma trilha profissionalmente, com uma boa captação de áudio e de finalização. Mas esse encontro foi muito emocionante e valioso - pelo menos para mim -, dessa aproximação da música popular tradicional com os alunos da Orquestra. Eles não tocaram juntos. A Banda de Congo fez uma parte da trilha e a Orquestra fez outra parte. Mas eles se conheceram, ensaiaram, fizeram a trilha sonora juntos e dividiram o palco. Lembro que levei o maestro Jaceguay Lins ao ensaio, porque ele tinha o sonho de mesclar o Congo com a Orquestra Sinfônica. Jaceguay já não estava bem de saúde (*NE: o maestro Jaceguay Lins morreu vítima de câncer, em 17 de agosto de 2004, aos 57 anos*). Ele esteve no ensaio e falou: “Vocês estão realizando o meu sonho”.

Em quantos filmes de animação vocês contaram com a trilha sonora do Vale Música e do Cecaes?

Foram oito filmes de 2002 a 2009: “Mangue e Tal”, “Portinholas”, “Zen ou Não Zen? Eis a Questão”, “Vitória Pra Mim”, “Mestre Vitalino e Nós no Barro”, “Albertinho”, “Ele” e “Fio de Esperança”. Depois fizemos “O Maestro no Tempo”, inspirado em Heitor Villa-Lobos, que contou com músicos que participaram da Orquestra Jovem Vale Música. A partir da animação “Portinholas”, os alunos passaram a ser responsáveis pelas trilhas sonoras. Tivemos que coordenar os calendários dos projetos, porque o filme demorava muito tempo para ficar pronto e eles só podiam fazer a trilha sonora depois da conclusão do filme. Era necessário um tempo mais longo e, muitas vezes, a gente não dispunha desse tempo. Tudo tinha uma relação com o recurso financeiro disponível. Essa parte da trilha sonora, que não estava originalmente computada, foi criando um corpo, e, o que antes era uma despesa modesta passou a fazer a diferença no projeto. Porque eram muitos alunos e tínhamos que viabilizar transporte, alimentação e o estúdio. Tínhamos o maior prazer em fazer isso enquanto foi possível.

Quais os prêmios conquistados pelo Cecaes/Vale Música em festivais no Brasil? Algum prêmio no exterior?

Recebemos diversos prêmios, tanto nacionais quanto internacionais, além de centenas de participações em festivais. Re-

cebemos inclusive prêmios de trilha sonora. Projetos sociais dessa natureza eram novidade nos festivais. Hoje, não mais. Considerando o começo dos anos 2000, quando o público chegava numa mesa de debate, diante de vários cineastas renomados, e encontrava duas crianças, dois alunos de um projeto falando do seu filme, era algo muito bacana.

Eu me considero parceira do Vale Música até hoje (risos). Foi uma parceria que se formou muito pela identificação de ideais dos projetos, pelos ideais artísticos e de natureza social. Nós nos juntamos muito especialmente por esse motivo que tínhamos em comum, mas também tínhamos essa relação de patrocinadores. Sempre nos encontrávamos nos eventos que a Vale promovia. E, pessoalmente, sempre fui amiga do Fábio e da Alcione, e sempre tive uma relação de muito afeto com o Helder e o Modesto Flávio. Sempre nos demos muito bem, sempre nos identificamos muito. E penso que o Projeto Animação trouxe um desafio interessante para eles, havia uma identificação.

Ao longo dos anos, a empresa Vale também foi se transformando. Enquanto a sede da Fundação Vale era em Vitória, esse laço era mais estreito. Depois, seguimos com a Fundação Vale no Rio de Janeiro, mas passou a existir esse distanciamento, embora tivéssemos uma integração através dos encontros anuais, quando conhecíamos os projetos dos outros estados. Era bacana, até o momento em que a Vale se transferiu para a Estação Conhecimento e, a partir daquele momento, não nos encaixamos mais na linha de trabalho da empresa.

Quais os momentos mais emocionantes do Vale Música que ficaram na sua memória?

Tenho episódios interessantes para contar: um deles aconteceu no ano do filme “Zen ou não Zen? Eis a Questão”. Nessa época, o Mosteiro Zen Budista de Ibirajú estava completando 30 anos e eles estavam iniciando um projeto chamado “Zenzinho”. É um projeto de visita de escolas em que o Mosteiro recebe grupos de jovens, adolescentes e crianças que ficam lá por 24 horas. É uma experiência de convivência e de relação com a natureza. Levamos uma turma para vivenciar essa experiência e eles escreveram o roteiro desse filme. O professor de roteiro participou também. A comunicação do Mosteiro é realizada através dos sons emitidos pelos sinos e também por todos os sons da natureza do local. Então, convidamos os alunos da Orquestra Jovem Vale Música para vivenciar aquela experiência, para que eles se inspirassem na criação da trilha sonora.

E o monge Daiju San estava muito à vontade, muito descontraído. Algumas crianças nunca tinham saído do bairro onde moravam, então, estavam muito curiosas. Tinha todo o encantamento pelo inusitado, o diferente. Os meninos da Orquestra passaram um dia no Mosteiro e tenho parte da conversa gravada entre eles e o Monge. Ele percorreu o Mosteiro explicando sobre cada som, cada significado da comunicação dos sinos para os meninos da Orquestra. O foco foram os sons e a comunicação do Mosteiro.

Outro episódio muito emocionante e inesquecível, falando de um ponto de vista muito pessoal, se deu no dia em que fui

à inauguração do Centro Cultural Sesc-Glória, com a apresentação da Banda da Polícia Militar do Espírito Santo, e reconheci no palco um dos meninos do Vale Música que estava na época do “Zen ou não Zen?”. Ele já estava adulto e tocava flauta. Acho que seu nome era Ariel. Fiquei muito emocionada ao vê-lo atuando como profissional.

Outro episódio marcante foi o filme inspirado na vida e obra de Villa-Lobos. Essa trilha sonora foi um desafio. Convidei o Helder Trefzger para me ajudar na tarefa. Eu o procurei como amigo, porque ele já não estava mais envolvido com o Vale Música, e pedi para ele me dar uma luz, uma orientação, por qual caminho seguir. O filme estava lindíssimo e depois se chamou “O Maestro do Tempo”. Ele disse que alguns ex-alunos da Academia de Ensino já eram profissionais e especializados na obra de Villa-Lobos e me indicou o violoncelista Lucas de Oliveira. O Lucas estava de volta a Vitória, já tinha feito todo o percurso profissional. Fizemos um grupo musical formado por alguns alunos da Orquestra. Foi uma alegria gravar a trilha sonora do Projeto Animação sobre a obra do Villa-Lobos com alunos que a gente viu nascendo na música. Tinha profissionais, como o percussionista Léo de Paula, era uma costura de profissionais. Foi um encontro grandioso e muito marcante para mim. O Lucas de Oliveira depois foi para Finlândia. Ele é um exemplo de transformação, megaexuberante, exemplo de profissional da música.

O filme “Mangue e Tal” foi um marco. A trilha sonora contou com a participação da Banda de Congo Mirim da Ilha, e o filme entrou na programação oficial do “Anima Mundi”, o mais importante Festival de Animação da América Latina. Levamos a

Banda de Congo Mirim da Ilha para se apresentar no Cine Odeon, no Rio de Janeiro, fato que teve muita projeção na mídia, inclusive com matéria na TV Globo.

Tem mais uma lembrança que foi a exibição do filme “Albertinho”, no Museu Vale, por meio de uma costura entre os projetos da Fundação Vale e do Museu Vale. Foi uma apresentação do filme com a execução da trilha sonora, ao vivo, pela Orquestra Jovem Vale Música e a Banda de Congo Mirim.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita? Ou que decidiu seguir carreira no cinema e em Animação?

Em destaque, cito o Lucas (violoncelo) e o Ariel (flauta), e também a Damares e a Denise Nascimento (violino) e o Jonathas (contrabaixo), da Academia de Ensino; e ainda a Indiara (tambor), a Raiane (casaca), o Jandeson e o Jansen, da Banda de Congo Mirim da Ilha. São muitos, mas não me lembro bem os nomes.

Lembro de um rapaz que estava na trilha do filme “Albertinho”, sobre o centenário do 14 Bis, era uma referência a Santos Dumont. O nome dele é Gessé Paixão. Tocava trompete e tinha conhecimento de *jazz*. Fez uma improvisação na trilha do filme “Albertinho”. Depois, o encontrei no Cine Metrópolis, creio que tenha trabalhado no cinema por um tempo como projetorista ou programador. Ele sempre sinalizava que seu começo no Projeto tinha chamado sua atenção para o cinema.

Há outro relato que jamais vou esquecer... Originalmente, nossa ideia era retornar às mesmas escolas onde começamos o Projeto Animação para ver o quanto tinha se desenvolvido a cultura audiovisual dentro da escola. Depois de vários anos, a gente retornou à escola do bairro Nova Palestina. Um dia eu estava saindo da escola, e uma senhora me parou e falou:

- Você é do Projeto Animação, não é? Ah, eu acompanho esse projeto há muitos anos e sou a mãe do Renato e do Rafael. Já assisti a vários lançamentos aqui e queria sugerir que vocês fizessem uma sessão com a retrospectiva do Projeto, para chamar a atenção da mídia para as coisas positivas que acontecem no nosso bairro. Nosso bairro só aparece quando mostram questões negativas. Queria falar para você quantos alunos daqui são engenheiros, são músicos...

Essa senhora, então, começou a citar nomes de meninos que participaram do Projeto Animação. Fiquei emocionada. É o relato do orgulho de uma mãe que, ao longo da história, passa a enxergar a projeção de uma imagem positiva de um lugar através das obras produzidas no local. Tudo o que sai desse Projeto é muito bonito. A gente instalava telas de cinema nos bairros de Vitória, no Projeto Galpão Itinerante, que muitas vezes era montado próximo às escolas.

GILSON PERANZZETTA




Foto: Marcelo Castello Branco

entrevista

Formação musical e acadêmica

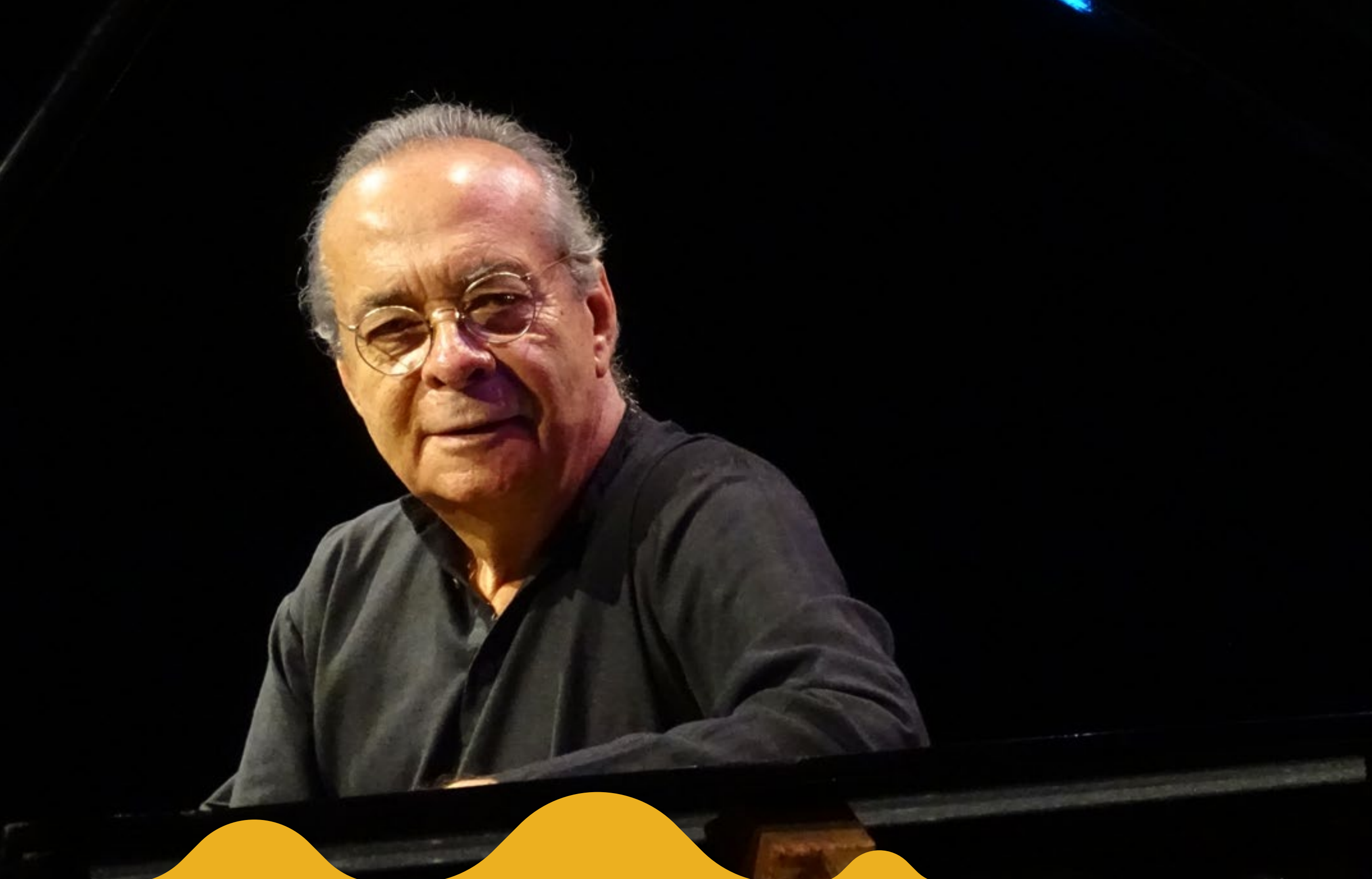
Maestro, pianista, compositor e arranjador



Sinto-me muito honrado por ser considerado o padrinho do Vale Música no Espírito Santo. O Vale Música é um Projeto importantíssimo de inclusão social e que transforma vidas. Através de iniciativas como essa, é possível “salvar” crianças e jovens que, com certeza, teriam um destino muito diferente e preocupante. A convivência com esses jovens que vivem em situação de risco social e estão tendo a oportunidade de mudar o curso de suas vidas através da música é emocionante”

Maestro Gilson Peranzzetta





Gilson Peranzetta dividiu o palco com os conjuntos do Vale Música e ficou impressionado com a evolução dos alunos. Foto: Marcelo Castello Branco

Como se deu a sua aproximação com o Projeto Vale Música? O senhor é considerado o padrinho do Vale Música no Espírito Santo?

Minha aproximação com o Projeto Vale Música começou com um convite de Júlia Sodré para uma *master class* e um concerto em minha homenagem. Eu me encantei com a Orquestra e não abandonei mais esses músicos maravilhosos que se tornaram meus filhos musicais. Uma linda convivência com meninos e meninas que abraçaram a música buscando uma vida melhor. Sinto-me muito honrado por ser considerado o padrinho do Vale Música no Espírito Santo. Adoraria participar do Projeto, não só como convidado, mas também como orientador. Fiz tanta propaganda, que consegui a doação de um sax barítono

para a Jazz Band, que, na época, não tinha esse instrumento, e de um trompete, doado por um nome ilustre – Ivan Lins.

De quais concertos o senhor participou com os alunos do Vale Música no Espírito Santo? Quais as lembranças mais emocionantes?

Do Projeto Vale Música – Ivan Lins – 70 anos, no Teatro SESC-Glória, em 2015, Projeto Vale Música – Roberto Menescal – 80 anos, no Teatro SESC-Glória, em 2016, e com a Vale Música Jazz Band, no concerto em minha homenagem, sob a regência do Maestro Eduardo Lucas, no Teatro SESC- Glória, em 2017. Uma das lembranças mais emocionantes foi quando a Jazz Band tocou lindamente um arranjo bastante elaborado que fiz para uma composição minha. No início, chegamos a pensar que teríamos que tirar a música do concerto, mas depois de muitos ensaios, com muita dedicação, muita garra e grande vontade de acertar, eles tocaram lindamente um arranjo que já foi executado por *big bands* na Alemanha, na Holanda e aqui no Brasil, pela Amazonas Jazz Band, do maestro Rui Carvalho, a Big Band do Conservatório de Tatuí, A Soundscape Big Band e a Big Band da UFRJ, entre outras. Os meninos, sob a regência do excelente maestro Eduardo Lucas, fizeram bonito e não ficaram devendo nada às outras *big bands*. A emoção foi geral. Todos que acompanharam a evolução da banda nos diversos ensaios foram às lágrimas.

O senhor se lembra de algum jovem músico ou regente com quem se apresentou no Vale Música e que tenha se destacado na área acadêmica, popular ou erudita?

Claro que me lembro e com muita alegria! Eduardo Lucas, maestro e professor do Projeto Vale Música e coordenador do Curso de Bacharelado em Música Popular na Faculdade de Música do Espírito Santo; Deyvid Martins, pianista e professor, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE); Matheus Ottoni, trompetista; e Mauro Júnior, sax tenor e fagote.

Qual a importância de projetos como o Vale Música para a formação musical e a cidadania das crianças e jovens que participam do projeto?

O Vale Música é um Projeto importantíssimo de inclusão social e que transforma vidas. Através de iniciativas como essa é possível “salvar” crianças e jovens que, com certeza, teriam um destino muito diferente e preocupante.

Conversando com as crianças, ouvi relatos tristes de situações que ninguém imagina que possam existir. A convivência com esses jovens que vivem em situação de risco social e estão tendo a oportunidade de mudar o curso de suas vidas através da música é emocionante.

MARCELO BRATKE

Formação acadêmica e profissional

Nascido em São Paulo, em 1960, Marcelo Bratke iniciou seus estudos de piano aos 14 anos com Zelia Deri e, por consequência de uma grave deficiência visual (7% de visão no olho esquerdo

e 2% no olho direito), ele não era capaz de ler partituras, desenvolvendo um método próprio para aprender as obras musicais baseado na sua memória auditiva. Um ano mais tarde, estreou ao lado da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho. Tornou-se foco de interesse da imprensa e recebeu seu primeiro reconhecimento público: o Prêmio Revelação da Associação Paulista de Críticos de Arte.

Marcelo Bratke realizou seu debut na Europa em 1988, no Festival de Salzburg, e se transferiu para Londres, onde, em 1991, estreou no Wigmore Hall. Em 2004, fundou o programa educacional profissionalizante Camerata Brasil, uma orquestra formada por jovens que não haviam tido a oportunidade de estudar academicamente. Com eles, realizou, aproximadamente, 300 concertos no Brasil, Argentina, Japão, Reino Unido, Sérvia, Coréia do Sul, Holanda e Estados Unidos.

Suas colaborações incluem projetos em dueto com o pianista britânico de jazz Julian Joseph, com o primeiro bailarino do Royal Ballet de Londres, Thiago Soares, o ator italiano Marco Gambino, com o saudoso percussionista brasileiro Naná Vasconcelos e com os cantores

Sandy, Fernanda Takai e Dori Caymmi, bem como participou de performances com maestros como Alexander Lazarev, Eleazar de Carvalho, João Carlos Martins, Roberto Minczuk, John Neschling e Alvaro Cassuto, entre outros. Bratke criou seu Projeto Villa-Lobos em 2004, uma plataforma desenhada para promover a música de um dos mais renomados compositores brasileiros. Dentre os prêmios que acumulou em sua carreira, figuram o Primeiro Prêmio do Concorso Internazionale di Musica Tradate, na Itália, o Prêmio Carlos Gomes, o Classical Discoveries Award, o 14th Brazilian International Press Award 2011, o Sarajevo Winter Festival Award 2013, a Ordem do Mérito Cultural 2017 e o Prêmio Cidadão São Paulo 2019. Seu CD dedicado ao Le Groupe des Six foi eleito pela revista britânica Gramophone como uma das melhores gravações de música erudita de todos os tempos.

Em 2004, após realizar uma cirurgia de sucesso, Marcelo Bratke teve a visão de seu olho esquerdo normalizada

Função atual

Pianista e maestro

Guardo no coração todos os concertos que fiz com a Camerata Brasil, com um grande afeto e a sensação de ter triunfado ao lado dos garotos e das garotas da orquestra. A parceria teve duração de 10 anos e foi até 2015. A turnê “Alma Brasileira” foi registrada em um DVD, com distribuição para diplomatas do mundo inteiro, por meio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Foi uma grande honra para mim e para a Vale”

Marcelo Bratke

Como se deu a sua aproximação com o Projeto Vale Música, no começo dos anos 2000?

O início foi com a estreia de um concerto em comemoração à entrada da Vale na Bolsa de Valores de Nova York. Fizemos um concerto no Carnegie Hall a convite do Roger Agnelli, então presidente da Vale, e foi um grande sucesso. Levei para o concerto cinco percussionistas de um projeto social aqui de São Paulo, localizado no Jardim Miriam. Eram cinco garotos que participavam do projeto, e eu os conheci na inauguração de uma praça. Montei o projeto, fiz um concerto em São Paulo e o Roger Agnelli gostou muito da ideia e resolveu nos levar para a apresentação em Nova York. Em seguida, a Vale levou o mesmo concerto para um evento na Coreia do Sul. Ao retornarmos para o Brasil, o Roger pediu que eu fosse até Vitória para conhecer o Projeto Vale Música. A intenção era desenvolver um trabalho que não fosse vinculado apenas a piano e percussão.

O que eu fiz no Carnegie Hall foi um concerto antropológico sobre a música brasileira, que aproximava três compositores que se encontraram no Domingo de Carnaval em 1917. Esses compositores eram Heitor Villa-Lobos, Darius Milhaud e Ernesto Nazareth. Milhaud era um compositor francês que viera ao Brasil para ficar durante dois anos. O Villa-Lobos o levou para ouvir o Ernesto Nazareth, que tocava piano na sala de espera do Cine Odeon, no Rio de Janeiro. O compositor francês declarou a Villa-Lobos que, quando ouviu a música de Ernesto Nazareth, finalmente, havia entendido a essência da alma brasileira. O concerto no Carnegie Hall, intitulado "Trilogia do Carnaval/

Carnival Trilogy", era sobre essa história. Foi capa do New York Times, além de ter recebido uma crítica excelente do jornal estadunidense. O Roger Agnelli ficou muito empolgado com a possibilidade de ampliar essa conversa entre o piano erudito e as raízes populares do Brasil, e me convidou para conhecer o Projeto Vale Música.

Quando você criou o Projeto “Alma Brasileira”? Em que consistia e quais eram os objetivos?

Eu desenhei o primeiro Projeto que circulou pelo Brasil em homenagem a Villa-Lobos. Selecionei 13 integrantes do Vale Música para formar a Camerata Vale Música, com a qual fizemos uma grande turnê nacional em homenagem a Villa-Lobos. Rodamos o Brasil inteiro; fizemos concertos desde o Theatro Municipal do Rio de Janeiro e a Sala São Paulo até em pequenas comunidades, principalmente nas cidades onde a Vale atua: no Pará, em Minas Gerais, no Maranhão, no Espírito Santo etc.

O Projeto foi um grande sucesso e eu o ampliei com várias turnês, sempre com o apoio da Vale. Mudei o nome do Camerata Vale Música para Camerata Brasil, para não misturar o meu projeto com o Projeto Vale Música. Depois fizemos algumas outras turnês, como a do Japão – a Vale nos levou e eu convidei a Fernanda Takai para integrar os concertos. Fizemos outras homenagens a compositores brasileiros, porque a Camerata Brasil é um projeto inspirado na mentalidade de Villa-Lobos, que não via diferença entre a música popular e a música erudita.

O Vale Música não tinha instrumentos suficientes para fazer um naipe e uma orquestra com 50 músicos, pois era formado por principiantes. Então, selecionei os alunos mais talentosos para compor a Camerata. Eu só tinha um violista, um clarinetista e apenas três violinos. Tive que criar um Projeto que adaptasse a música de Villa-Lobos a essa orquestra de 13 integrantes. Durante dois anos, eles foram preparados por mim para fazer essa primeira turnê, que era uma grande responsabilidade. Para você ter uma ideia, no primeiro dia de ensaio, perguntei para os integrantes se eles conheciam Villa-Lobos e ninguém o conhecia. Então perguntei se eles conheciam Tom Jobim, pois Tom tinha sido muito influenciado por Villa-Lobos, e os alunos também não o conheciam. Em cada projeto, comecei a homenagear um grande compositor brasileiro. O primeiro foi Villa-Lobos, o segundo, Ernesto Nazareth, o terceiro, Tom Jobim e o quarto, Dorival Caymmi. Sempre procurei trazer esta linguagem popular e erudita para as orquestrações. Por exemplo, a nossa versão de “Trenzinho do Caipira” coleciona instrumentos de percussão de várias regiões do país, originários de cidades pelas quais passamos nas turnês. Traz de volta para a música de Villa-Lobos essa raiz popular que o influenciou; é como se fosse um reencontro.

O primeiro Projeto chamava-se “Alma Brasileira”, o segundo, “Brasileirinho”, o terceiro, “Tom Jobim Plural” e o quarto, “Projeto Cine Música”. Os meninos foram se desenvolvendo, alguns foram para outras orquestras e outros se profissionalizaram, porque o intuito era profissionalizá-los, era um Projeto prático. A Vale me apoiava no Projeto a cada dois anos, e comecei a

sentir a necessidade de direcioná-los para a Fames. Os alunos do primeiro grupo, que tinham vindo do Vale Música e que já tinham participado de alguns Projetos comigo, se profissionalizaram e eu os encaminhei para outras orquestras. Comecei a selecionar outros músicos de Vitória, que não necessariamente participavam do Vale Música, jovens tentando ingressar na Fames ou aspirantes a músico, e comecei essa seleção em comunidades. O Projeto existe até hoje no formato anual. No ano passado, fizemos uma turnê de 25 concertos pelo Estado de São Paulo, patrocinados por outras empresas, sempre com o nome Camerata Brasil, e o resultado foi incrível.

Como atuo muito na Europa, os empresários europeus pediam para que eu levasse as apresentações da Camerata Brasil para outros países. Fizemos apresentações na Inglaterra, no período das Olimpíadas (*NE: em 2012*), onde participamos de um programa na BBC de Londres. Fizemos apresentações na Sérvia, no Concerto em Belgrado, no Carnegie Hall, em Nova York, e em Londres. Estudávamos tanto juntos para fazer as turnês que, naquele repertório, eles tinham que tocar no mesmo nível que o meu. A ideia era a de que o público não notasse nenhum desnível de excelência musical entre o pianista/maestro e os outros músicos da orquestra.

Quanto tempo durou a sua parceria com o Vale Música?

Essa parceria teve duração de 10 anos e foi até 2015. A turnê “Alma Brasileira” foi registrada em um DVD, com distribuição para diplomatas do mundo inteiro, por meio do Ministério das

Relações Exteriores do Brasil. Foi uma grande honra para mim e para a Vale. Também fiz CDs com o nome “Camerata Brasil”, sempre patrocinado pela Vale, através das leis de incentivo. O CD “Tom Jobim Plural” foi distribuído pela Vale para todo o Brasil. Fizemos outro CD, do Dorival Caymmi, que também teve distribuição da Vale, com as orquestrações feitas especialmente pelo Dori Caymmi.

Nessas turnês você contou com a participação dos alunos do Vale Música que, na época, eram ligados ao Centro Cultural Caieiras (Cecaes)?

Sim. Três integrantes do Congo participaram da Camerata Vale Música. Eles foram com a gente para a turnê no Japão ao lado da Fernanda Takai.

Qual é a sua impressão sobre a música folclórica do Espírito Santo? Você já conhecia o Congo ou passou a conhecer o ritmo através do trabalho com a Banda de Congo Mirim da Ilha?

Gostei tanto dos ritmos do Espírito Santo que aprendi a tocar casaca, tambor de congo, os instrumentos e os ritmos. No final do concerto, eu levantava do piano e tocava o ritmo do congo do Espírito Santo com os meninos. No DVD “Alma Brasileira” tem um trecho desse momento. Foi uma coisa muito interessante. Até hoje, utilizo esses ritmos do congo nos concertos com a Camerata Brasil, com outros integrantes, pois não são mais os mesmos. Rodei o Brasil integrando esses ritmos – que

poucas pessoas conhecem – à música de Villa-Lobos. O congo do Espírito Santo precisa ser descoberto fora do estado, pois é muito pouco conhecido.

Você visitou os alunos do Vale Música no Espírito Santo para conhecer o Projeto e o ritmo do congo. Onde aconteciam os ensaios?

Primeiramente, no Parque Botânico da Vale e, depois, na FAMES. Fizemos um trabalho integrado com a Fames. Sempre que havia turnês ensaiávamos nas salas ou no auditório da faculdade.

Quais as lembranças mais marcantes que você tem do Projeto Vale Música?

Guardo no coração todos os concertos que fiz com a Camerata Brasil, com um grande afeto e a sensação de ter triunfado ao lado dos garotos e garotas da Camerata. A Orquestra é muito pequena e acabo convivendo com todos eles. Esses jovens não só aprendiam a parte da excelência artística, técnica e musical. Eles aprendiam como fazer uma turnê, como entrar no palco, como lidar com o maestro, como falar com o produtor, de que forma era organizado o transporte, como são as viagens de avião... Porque eles também ajudavam na produção. Para mim, virou uma família, porque a gente ensaiava junto, tomava café da manhã junto, viajava junto etc. Eu passava vários dias em Vitória para preparar a orquestra e nós interagíamos nas viagens. Era uma amizade terna, fraternal.

Eu viajo o mundo inteiro e conheço a realidade dos alunos alemães, russos e ingleses e, nessa idade de 13 a 15 anos, eles já estão preparados para começar uma carreira. A formação na Europa é uma coisa muito sólida. Os meninos e meninas do Projeto tinham lacunas de aprendizado musical. E como eu poderia ajudá-los? Eu poderia ajudá-los se eles galopassem contra o tempo, porque eles já tinham perdido muito tempo – se compararmos ao sistema educacional de outros países. Eles não conseguiriam ser músicos dessa maneira tradicional. Então, pensei em realizar um concerto em um nível profissional mesmo, abordando um repertório específico. Por isso, estudamos um ano e meio para começar a fazer uma turnê.

No início, também era uma experiência nova para mim: estudávamos cerca de quatro a cinco horas diárias. Ninguém entendia porque ensaiávamos tanto. Ensaiávamos muito para fazer bonito em apresentações no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, para aprender a fazer aquele concerto de maneira perfeita. Para que eles conseguissem chegar naquele patamar, utilizamos as mesmas ferramentas didáticas que eu ministrava. Era muita disciplina, era muito difícil e às vezes até sacrificante para eles, porque eu era muito exigente e seguia uma rotina de estudos intensa. Mas eu tinha certeza de que eles iriam aplicar essa disciplina ao longo da vida deles. Eu levava professores de diversos instrumentos para ministrar aulas de uma semana em Vitória, trabalhando com os alunos. Essa metodologia funcionava muito na parte instrumental, pois eles tinham aulas com professores dos instrumentos que eles tocavam.

Pode citar alguma apresentação mais marcante e emocionante?

Fizemos algumas apresentações em importantes salas de concerto e também concertos didáticos em escolas japonesas. O primeiro foi no Suntory Hall (que é considerado o Carnegie Hall do país) e o último no Shirakawa Hall, em Nagoya. Nagoya é a cidade do país que tem mais japoneses que foram para o Brasil, que tiveram filhos brasileiros e que retornaram para a cidade. Nos concertos de música clássica, o público japonês aplaude sentado e não pede bis. Nós nos apresentamos num teatro de mais ou menos dois mil lugares. A produtora local fazia uma espécie de resumo de como tinha sido cada apresentação para o escritório local. Ao término do concerto em Nagoya, os japoneses, que nunca levantam para aplaudir os concertos de música clássica, levantaram e começaram a gritar e invadir o palco para pedir autógrafa para a Camerata Vale Música, para mim e para a Fernanda Takai, que estava conosco. A maioria do público falava português e eles estavam emocionados, chorando com a música de Villa-Lobos e de Tom Jobim. A produtora japonesa, que não falava português, escreveu para o escritório central que nunca tinha presenciado uma reação tão efusiva do público local. Isso foi memorável.

Outro concerto memorável foi aquele que anunciou a mudança do nome Companhia Vale do Rio Doce para Vale, no Forte de Copacabana (RJ). O concerto escolhido para celebrar

a nova fase da empresa foi o “Alma Brasileira”, com a Camerata Vale Música. Foi uma grande honra participar desse momento. O Roger Agnelli sempre foi muito carinhoso conosco.

Vocês participaram de diversos programas de TV, certo? Quais deles você destacaria?

Fizemos uma entrevista muito bacana no programa do Jô Soares. Tivemos muita divulgação na mídia brasileira e internacional. Era o momento do início de uma reestruturação da educação musical nos projetos sociais, que era um sonho do Villa-Lobos. Ele revolucionou a educação musical no Brasil, na época de Getúlio Vargas, instituindo a matéria Música nos currículos das escolas brasileiras. Alfabetizou musicalmente várias gerações através do canto orfeônico (prática de canto coletivo amador), de norte a sul do país. A grande revolução educacional brasileira foi Villa-Lobos quem fez. Ele queria unificar o país através da música e “Alma brasileira” é o nome de uma de suas obras. Esse Projeto com a Vale tinha o DNA de Villa-Lobos, e eu queria resgatar e mostrar para o Brasil que aquilo tinha acontecido na década de 1940 e que havia sido esquecido por outras gerações. Foi uma maneira de resgatar esse Brasil que se comunica através da música e onde não existe distinção de classe social.

Lembro de um episódio curioso: no concerto na cidade de Parauapebas (PA), durante a turnê “Alma Brasileira”, um percussionista de 17 anos, integrante da Camerata, muito bonitinho, foi tietado pelas meninas da cidade. Uma das meninas pediu

um autógrafo e, quando ele se aproximou dela, ela desmaiou na frente do menino. Foi uma cena de Beatlemania (rs).

Eu falava que eles tinham de construir uma carreira e saber em quais lugares estavam tocando. E que a sala de concerto mais importante do mundo é a do Carnegie Hall. Pois bem: lá, no Parque Botânico da Vale, certo dia, eu avisei aos integrantes da Camerata que nós tocaríamos no Carnegie Hall.

- Vocês se lembram daquela sala mais importante do mundo? – perguntei a eles.

- É lá que iremos tocar – informei.

Ao ouvir isso, alguns começaram a chorar de emoção. Até o momento em que o clarinetista Rodrigo levanta a mão e diz:

- Maestro, tenho um problema. Não posso viajar porque vou me casar dois dias antes. Você pode ligar para o Carnegie Hall e pedir para remarcar o concerto?

Expliquei a ele que, obviamente, não tínhamos essa opção, pois se tratava da casa de concertos mais concorrida do mundo, com uma agenda apertada.

- Você não pode mudar a data do seu casamento? – devolvi.

Diante do impasse, optamos por uma solução inusitada: iríamos antes para Nova York e ele continuaria ensaiando em casa, para pegar um avião na noite seguinte da noite de núpcias e se encontrar conosco em Nova York. Só que o combinado era ele estudar cinco horas por dia, pois eu iria controlá-lo de lá. Era um aluno que já estava acostumado com a disciplina.

Confesso que esse foi o maior risco que corri na minha carreira. Eu monitorava o aluno pelo Skype, ele estudando, superdisciplinado. Conforme o combinado, ele chegou na véspera do

concerto e ensaiou uma vez com a gente. A apresentação foi um sucesso e obteve uma crítica excelente de meia página no jornal *The New York Times*. Era um concerto dedicado a Villa-Lobos – e pensar que aquele clarinetista, quatro anos antes, nunca tinha ouvido falar em Villa-Lobos.

Você se lembra de algum jovem músico que participou do Projeto e que depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita?

O percussionista Wagner Nascimento era um dos mais disciplinados, muito sério. Ele fez um concurso e foi admitido na Orquestra do Teatro Claudio Santoro, em Brasília. O flautista Ariel Alves era supertalentoso. Lembro da Viviane, David e Janderson, percussionistas da Banda de Congo. Eles vieram de outro Projeto (*NE: o Cecaes*) e eram os mais disciplinados da Camerata Vale Música.

O trabalho de percussão era muito bonito, impressionante, e o grande responsável por essa disciplina foi o Fábio Carvalho. Ele foi uma pessoa exemplar, muito presente e caprichoso. Integrar percussionistas que vinham de outra forma de aprendizado com os alunos da Camerata Vale Música era uma preocupação. Achei que teriam dificuldades em acompanhar o meu estilo de ensaio, a ler partitura etc. Porém, quando comecei os ensaios, percebi que o Fábio tinha a intenção de prepará-los como atores que se preparam para entrar em cena. Desde o início, eles foram exemplares e sempre trouxeram elementos musicais interessantes para a Camerata e agregaram muita qualidade.

Cito também a Denise, que era violinista e tocava muito bem, e o Lucas Anizio, também violinista. Estou me lembrando também de dois irmãos, um violoncelista e outro contrabaixista, cujo pai era proprietário de uma oficina mecânica, e que me contavam sobre a realidade de violência da comunidade onde viviam.

Acredita que Projetos como o Vale Música podem transformar vidas, colaborando para a formação dos jovens enquanto cidadãos?

A música é uma ciência cerebral muito interessante, que fornece uma base de raciocínio, de concentração, de sensibilidade. Ela sensibiliza o indivíduo. Para tocar num conjunto, você precisa ouvir o outro. Se você não ouve o seu companheiro, você não consegue tocar em grupo. E na sociedade, se você não consegue ouvir o teu colega, ninguém vai a lugar nenhum. Um conjunto reflete as questões da sociedade; a música exercita esse poder de criação dos indivíduos, que se organizam para se desenvolver e chegar a um objetivo em comum. A música gera disciplina, autoestima, amizade etc. Quando tocamos com outra pessoa, esse tipo de linguagem gera uma integração, uma sintonia. É um diálogo no qual tenho que ouvir o outro e, para fazer isso, cria-se uma intimidade inexplicável com o outro.

A música toca no fundo da alma e promove uma amizade diferente. A amizade com os integrantes da Camerata Vale Música era emocional, humanista e de sobrevivência humana. E era muito interessante porque transcendia classe social,

aprendizado, dificuldade financeira e dificuldade física. Eu tive uma dificuldade física muito grande até os 44 anos de idade, porque nasci com 2% de visão em um olho e 7% de visão no outro olho. Só comecei a enxergar de uma maneira normal aos 44 anos, após uma cirurgia. Assim, consegui transmitir aos integrantes da Camerata ferramentas de aprendizagem musical rápidas para recuperar o tempo perdido deles, porque também tive uma dificuldade. Eles tiveram lacunas por causa da falta de uma base sólida na educação musical. Eu também tive a ausência de possibilidade de enxergar. Como não conseguia enxergar partituras, tocava de ouvido e tive que desenvolver um ouvido interno muito dinâmico. Consegui transmitir aos meninos algo que não era acadêmico, que era para ajudá-los a recuperar o tempo perdido e para eles poderem se profissionalizar.

Digo isso porque projetos como o Vale Música são muito importantes, principalmente num país como o Brasil, que tem um contraste social tão grande. Eles aproximam pessoas de áreas diferentes através da música. Promovem o desenvolvimento das pessoas, humanizam e só trazem benefícios para as pessoas envolvidas. É uma pena que o Brasil tenha esquecido um pouco desse tipo de projeto, que estava muito em voga dos anos 2000 para cá. E agora, com a pandemia, tudo ficou mais complicado. É muito importante que a Vale mantenha esse projeto em atividade.

Agora quero falar um pouco sobre a Glória Caputo. Participei de todos os Projetos do Vale Música, no Espírito Santo, em Corumbá (MS) e no Pará. Ela realizou um trabalho exemplar no

Pará. Vale a pena falar da Glória, pois ela fez um trabalho excepcional.

O maestro Modesto Flávio também é uma pessoa muito legal, que apoiou muito o Projeto, que me ajudou na preparação dos meninos no começo e nos acompanhou na turnê “Alma Brasileira”. Ele me ajudou ao fazer a ponte entre a minha realidade e a dos integrantes da Camerata. Tê-lo como mediador foi muito interessante. Vitória virou uma cidade nossa – minha e da minha esposa. Fizemos muitos amigos aí. Costumo dizer que minha alma é capixaba, porque me sinto em casa em Vitória. É uma cidade linda e muito agradável, que tive o prazer de conhecer por causa do Projeto Vale Música.

FERNANDA TAKAI

Formação musical

Cantora e compositora; participou da turnê com Marcelo Bratke e a Camerata Vale Música ao Japão em novembro de 2008.

O ensino da música devia ser mais valorizado aqui no Brasil, como é em outros países, que consideram fundamental as artes fazerem parte do currículo básico das escolas. A oportunidade que os jovens têm ao aprender a tocar um instrumento abre uma perspectiva maior para sua atuação na sociedade, seja sozinho ou coletivamente. Se isso ainda não é posto em prática na rede nacional de educação, é muito bom contar com iniciativas como o Projeto Vale Música”

Fernanda Takai

Qual a lembrança que você tem do concerto com o Marcelo Bratke e a Camerata Vale Música em Tóquio e Nagoya, em novembro de 2008, em comemoração ao centenário da imigração japonesa no Brasil e os 50 anos da Bossa Nova?

Foram momentos muito bonitos. Primeiro, ensaiei com o Marcelo ainda no Brasil e só fomos ensaiar todos juntos já em Tóquio. Os jovens músicos estavam animadíssimos com a primeira experiência no Japão. Naquele ano, eu já tinha estado lá alguns meses antes, tocando com o Pato Fu e também com minha banda solo. As apresentações foram em dois lindos teatros, que estavam lotados. Uma bela celebração entre o Brasil e o Japão.

A Camerata Vale Música contava, na época, com três jovens percussionistas da Banda de Congo Mirim da Ilha, que ensina a tradição do congo a crianças e adolescentes de comunidades de Vitória. Você conhece o ritmo do congo? Chegou a ter um contato próximo com os alunos?

Nosso contato foi muito rápido, ficamos juntos por poucos dias ali na viagem, e nem sempre os nossos horários eram exatamente os mesmos. Cantei uma parte apenas do repertório dedicado ao Tom Jobim; o (repertório) deles ainda contemplava peças de Villa-Lobos e era mais amplo. Impressionei-me com a disciplina e, ao mesmo tempo, com a leveza que a música trouxe a eles. A união entre o erudito e o popular feita de uma forma tão natural.

Na sua opinião, qual a importância de Projetos como o Vale Música para a formação musical e a cidadania de crianças e jovens?

O ensino da música devia ser mais valorizado aqui no Brasil, como é em outros países, que consideram fundamental as artes fazerem parte do currículo básico das escolas. A oportunidade que os jovens têm ao aprender a tocar um instrumento abre uma perspectiva maior para sua atuação na sociedade, seja sozinho ou coletivamente. Se isso ainda não é posto em prática na rede nacional de educação, é muito bom contar com iniciativas como o Projeto Vale Música.

FABRICIO NORONHA FERNANDES



Fabricio Noronha destaca que o Programa Vale Música proporciona caminhos profissionais para crianças e jovens.

Foto: Erika Pistak

entrevista

Formação acadêmica e profissional

Graduado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo, além de artista e produtor cultural, Fabricio Noronha desenvolveu, ao longo dos últimos 10 anos, projetos e

produtos em todo o território nacional, na área de tecnologia, educação e cultura – dialogando com coletivos de arte, artistas, pesquisadores, institutos culturais e universidades. Como idealizador e coordenador de projetos culturais, trabalhou de maneira recorrente com a Fundação Itaú Social, Instituto Unibanco, Itaú Cultural, Festa Literária das Periferias (Flup), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Médicos Sem Fronteiras, entre outros. Fabricio foi diretor do premiado Fábrica.Lab, maior festival de artes integradas do Espírito Santo.

Função atual

Secretário de Estado da Cultura do Espírito Santo.



Como gestor de cultura, avalio que o Vale Música é um programa realmente social de ensino de música para jovens que estão em situação de vulnerabilidade e que oferece uma formação de qualidade desde o momento inicial, descortinando um horizonte profissional para essas crianças e jovens”

Fabricio Noronha, Secretário de Estado da Cultura do Espírito Santo

Quando você conheceu o Vale Música e de que forma participou do Projeto ao longo dos seus 20 anos de atividades?

Já produzi alguns eventos para o Vale Música. Recebemos alunos para se apresentarem e também para oficinas. Foi muito bom participar disso e poder ver de perto o interesse deles e as apresentações brilhantes.

Como gestor da área da cultura, como você avalia o papel sociocultural do Vale Música e o seu impacto direto na vida dos jovens que dele participam?

Como gestor de cultura, avalio que o Vale Música é um Projeto que dá oportunidade de verdade, não apenas naquele momento em que o jovem está participando, mas também no futuro, abrindo caminho pra uma profissão. Isso faz a diferença para muitas pessoas. É um Projeto realmente social de ensino de música para jovens que estão em situação de vulnerabilidade e que oferece uma formação de qualidade desde o momento inicial e acaba descortinando um horizonte profissional para essas crianças e jovens. Tanto que há alguns que saíram do projeto e são profissionais hoje, inclusive, alguns passaram pela nossa Orquestra Sinfônica do Espírito Santo e hoje atuam em outras orquestras e universidades pelo Brasil.

NATÉRCIA LOPES DE FARIAS



Natércia Lopes era diretora da Faculdade de Música do Espírito Santo quando as aulas do Vale Música eram realizadas no local, por meio de uma parceria com a instituição. Foto: Symara Feitosa

Formação musical e acadêmica

Cantora lírica formada pela Fames. Estudou no curso de aperfeiçoamento no Conservatório Lorenzo Fernandez (RJ).

Enquanto diretora da Fames, nós oferecíamos toda a estrutura necessária ao Vale Música. Eu acolhi o Projeto e fico muito feliz, pois o embrião foi crescendo ali na Fames. O papel da Vale é excelente. Eles sempre foram muito abertos, receptivos, sensíveis e se doaram para nos ajudar. E fico agradecida pela visão de futuro desses gestores. Temos que ter sensibilidade para enxergar os projetos sociais de que o Brasil tanto precisa, porque ainda não são suficientes”

Natércia Lopes

Como se deu a sua participação no início do Projeto Vale Música?

Tudo o que eu pedia, o Frederico Moncorvo (ex-coordenador da Fundação Vale) atendia. A empresa Vale sempre foi muito receptiva para os assuntos sociais. Tenho um grande respeito porque, naquela época, estávamos iniciando essas ações. Fiquei superfeliz e fui ao lançamento. Houve uma reação negativa dos professores celetistas. Eles alegavam que os participantes não sabiam nada de música. A Vale tinha recursos financeiros disponíveis e poderíamos atender um número maior de participantes. Era obrigação nossa. Foi uma fase que passamos para que hoje exista a Orquestra Vale Música, os Corais. Enquanto diretora da Fames, nós oferecíamos toda a estrutura necessária. Eu acolhi o Projeto e fico muito feliz, pois o embrião foi crescendo ali na Fames. Acho isso sensacional. Sempre pensei enquanto contribuição coletiva e não apenas individual.

Estou cansada de palmas. Quero ser respeitada pelo pouco que eu fiz. Gosto de ajudar a pessoas que não tiveram famílias com visão, que passaram por colégios que não podiam ajudar... Poderíamos ter um Brasil melhor se tivéssemos pessoas que pensassem para atingir e ajudar essas camadas da sociedade.

A senhora se lembra de algum momento mais emocionante vivido no Vale Música ou de algum concerto específico?

Eu ficava doida quando eles se apresentavam. Eu batia tanta palma e gritava tanto "Bravo! Bravo!" Fico feliz ao saber que mui-

tos daqueles meninos hoje estão pelo mundo afora e continuaram seus estudos de aperfeiçoamento. Eles apareciam na Fames com aquela humildade e ingenuidade; no palco, olhavam para cima com expressão de surpresa. Isso me marcou muito. A felicidade e a realização deles em se sentirem indivíduos.

Isso transforma a vida de pessoas. A música, a arte e a cultura marcam os indivíduos para o resto da vida. Fico toda arrepiada de emoção. Isso não tem preço. Chorava muito de alegria. Foi algo para o qual pude somar e agregar. Tenho a fama de ser doida e sou, sim. Mas tenho a sensibilidade de perceber projetos bonitos como esse. O Espírito Santo precisava de pessoas com visão e disposição.

A senhora acompanhou as mudanças do Projeto ao longo dos anos?

Eu briguei quando eles saíram da Fames. A ida do Projeto para a Praia do Suá coincidiu com o período em que deixei a Fames.

Na sua visão qual é a importância de projetos sociais como o Vale Música para a construção da cidadania das crianças e jovens?

O papel da Vale é excelente. Eles sempre foram muito abertos, receptivos, sensíveis e se doaram para nos ajudar. E fico agradecida pela visão de futuro desses gestores. Não fiz mais do que a minha obrigação. Não adianta ter apenas sensibilidade para cantar. Temos que ter sensibilidade para enxergar

os projetos sociais de que o Brasil tanto precisa, porque ainda não são suficientes. Ajudei e defendi esse projeto com garra. Todos devem pensar em contribuir para o crescimento espiritual, social, intelectual e dar o amor ao próximo, que está no primeiro mandamento da Bíblia. Se eu tive talento para as artes musicais tenho que tirar um pouco de mim e dar um pouco para as pessoas que não tiveram a oportunidade que eu tive.

VALE MÚSICA 20 ANOS DE HISTÓRIA

Por: Kátia Bobbio

Eu peço sempre ao bom Deus
Que me dê inspiração,
Para em meus versos falar
O que sai do coração,
Do Vale Música Espírito Santo
Eu faço apresentação.

O Vale Música Espírito Santo
É um projeto que visa
Ampliar, fortalecer
A formação expressiva,
De adolescentes, crianças
E é da Vale a iniciativa.

O programa cria uma
Rede de colaboração,
E os parceiros incrementam
A musicalização,
O ensino e a aprendizagem
Com carinho e atenção.

Esses projetos de música
Têm uma boa estrutura,
É a Vale quem patrocina
Sendo uma arte segura,
Por meio de lei federal
Que é de incentivo à cultura.

Os núcleos do Vale Música
Atuam em vários estados,
Aqui no Espírito Santo
A Vale dá seu recado,
Mato Grosso do Sul, Pará
E em Minas tem resultados.

O programa é um privilégio
Na linguagem universal,
Da música e seus reflexos
Conexão natural,
Para o desenvolvimento
Humano e social.

A música gera renda
É um trabalho cultural,
Pois é através do fomento
Ao ensino musical,
Valoriza e abre caminhos
A orquestra, banda e coral.

A música é uma linguagem
Que gera oportunidades,
De trabalho e acesso à renda
A muitas comunidades,
O incentivo ao seu uso
Forma mais identidades.

Atualmente o Projeto
Faz um diferencial,
“Estação Conhecimento”
Na Cidade Continental,
Atende 200 alunos
Esse programa social.

O núcleo do Vale Música
Sei que é bem estruturado,
No Parque Botânico Vale
Eu sei que é bem instalado,
E atende a 70 alunos
É bem grande o aprendizado.

Diversos grupos artísticos
Ainda compõem o Projeto,
Com a Orquestra Jovem Vale
Fazendo o maior sucesso,
Camerata Jovem Vale
O musical é completo.

Vale Música Jazz Band
E um bom Coral Infantil,
Banda Sinfônica Vale
Essa banda é nota mil,
Coral Jovem Vale Música
Se apresentam no Brasil.

E toda essa trajetória
Carregada de sucesso,
Fizeram vários músicos
Populares com progresso,
Educadores, concertistas
Aqui tiveram acesso.

Você quer participar?
Pois faça a sua inscrição,
Anualmente está aberto
A toda população,
Alunos da rede pública
Ou bolsistas em ação.

Esse processo é gratuito
Tenha mais informação,
E não é preciso ter
Qualquer iniciação
Musical, é aqui que aprende
Uma boa formação.

Foi no ano de dois mil (2000)

Quando tudo começou,

O Projeto Vale Música

Muitas vidas transformou,

Seus acordes e harmonias

Por aqui não mais parou.

Levada à Fundação Vale

Tal proposta é apresentada,

Pela associação de amigos

De uma orquestra afamada,

Série Concertos Didáticos

Toda equipe está formada.

Aulas gratuitas de música

Para jovens e crianças,

Por meio de parcerias

Fizeram as alianças,

E toda Grande Vitória

Participou com esperanças.

No ano de dois mil e um (2001)

Amplia a sua abrangência,

Projeto Congo na Escola

Com uma grande audiência,

Lá na Ilha das Caieiras

Com total eficiência.

De 2002 a 2006

O Projeto é coordenado

Pelo maestro Helder Trefzger

Com um sucesso danado,

Trilha sonora de filmes

Muitos prêmios tem ganhado.

Ano de dois mil e sete (2007)

Seguiu bem o seu roteiro

No Museu de Arte Moderna

Lá no Rio de Janeiro,

Recepção a Yoko Ono

Foi um Projeto pioneiro.

Ano de dois mil e oito (2008)

Marcelo Bratke, o pianista,

Camerata Vale Música

Mais um sucesso conquista,

No palco do Carnegie Hall

Em Nova York foi vista.

Essa turnê viajou

Holanda, Sérvia, Japão

Passou pelo Reino Unido

Fazendo apresentação,

Gravou “Alma Brasileira”

Com toda satisfação.

Ano de dois mil e dez (2010)

Cumpriu seu itinerário,

Dez anos do Vale Música

Já está no calendário,

E foi capa de A Gazeta

No dia do aniversário.

Ano de dois mil e doze (2012)

Quando houve a transferência,

Do Vale Música Espírito Santo

E com total transparência,

Cidade Continental

Que na Serra deu sequência.

E desde dois mil e onze (2011)

Trabalha na promoção

Dos direitos das crianças

E adolescentes então,

Formam os eixos da cultura

Esporte e mais profissão.

Dos anos treze aos dezoito (2013/2018)

Fez o aperfeiçoamento,

Na formação de conjuntos

E orquestras em movimento,

Contemplando vários nomes

E artistas de talento.

Já em dois mil e dezenove (2019)

Várias apresentações,

Em festivais de inverno

Intercâmbio em ações,

250 músicos

Grandes realizações.

E chegou dois mil e vinte (2020)

Mesmo com a pandemia,

Mantém suas atividades

Com a tecnologia,

Respeitando os protocolos

Seus horizontes amplia.

Eu sei que nesse período

Um grupo de percussão

Do Vale Música Espírito Santo

Participa da versão

Online, DRUM Parade 2020

Grande comemoração.

Ao Vale Música Espírito Santo

Eu quero homenagear,

Pelos seus bons 20 anos

De música pelo ar,

Parceiros e toda a equipe

Quero parabenizar.

F I M



Agradecimientos



A realização deste livro eletrônico só foi possível graças à colaboração de todos os entrevistados que nos forneceram informações, registros, imagens, publicações e documentos sobre o Programa Vale Música, bem como os depoimentos pessoais que viabilizaram a construção dessa obra.

Agradecemos especialmente ao Instituto Cultural Vale, que, desde o início da apresentação do Projeto, encampou a ideia e uniu todos os esforços necessários para a sua realização, coordenando uma equipe de colaboradores formada por Ana Angélica Motta, diretora da Estação Conhecimento de Serra, Júlia Sodré, coordenadora do Projeto Vale Música Espírito Santo, Victor Grolla, coordenador administrativo da Estação Conhecimento de Serra e toda a equipe da Gerência de Comunica o da Vale no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, pelo suporte necessário para finaliza o desse trabalho.

Agradecimentos especiais também aos fotógrafos e entidades que, gentilmente, autorizaram a publica o de suas imagens (por ordem de publica o): Instituto Galvão, Mosaico Imagem, Fabricio Zucolotto, Instituto Marlin Azul, Estação Conhecimento Serra, Ricardo Galvão, Daniella Spadeto, Thuanny Louzada, Alessandro Reis, Cícero Rodrigues, Instituto Cultural Vale, Ediel Sousa, Anderson Fonseca, Bárbara Bueno, Victoria Dessaune, Osmar Cardoso, Kristina Gonçalves, Marcelo Siqueira, Thalys de Oliveira Alves, Viola Scheuerer, Marcelo Castello Branco, Weber Pádua, Erika Pistak e Symara Feitosa.

Da mesma forma, agradecemos aos parceiros que, gentilmente, cederam fotos de seus acervos para a elabora o desse livro, em especial ao ex-aluno  ngelo Freitas Ruy, que, durante

anos, teve o cuidado de guardar todo o acervo da Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo (AAO-FES), referente aos dez primeiros anos do Projeto Vale Música no Espírito Santo, preservando a memória dessa iniciativa tão importante para todos que dela fizeram parte. Também abriram seus arquivos para esta obra Alcione Dias, Marcelo Bratke, Roberta Aviz, Gina Denise Barreto Soares e José Benedito Viana Gomes. Aproveitamos também para registrar nossos agradecimentos à Rede Gazeta de Comunicação pela disponibilização de seu acervo para pesquisa.

A todos vocês, nosso muito obrigado!

Mensagem do autor

Este livro foi produzido com base em nove meses de pesquisas e entrevistas com gestores, coordenadores, professores, maestros, parceiros, alunos, ex-alunos e seus familiares, realizadas entre abril e dezembro de 2020, por e-mail, telefone e plataformas virtuais, em consonância com todos os protocolos de prevenção à Covid-19.

Por diversas vezes, o autor se emocionou com os depoimentos dos entrevistados, procurando levar esse sentimento para as páginas deste E-book, juntamente com a precisão de dados, datas, créditos e relatos jornalísticos. Caso haja alguma informação a ser complementada estamos à disposição para fazê-lo nas próximas edições.

Esperamos que esta obra proporcione ao leitor a mesma sensação de envolvimento e realização que os profissionais tiveram durante a sua produção.

José Roberto Santos Neves



Nascido em Vitória (ES), em 1971, José Roberto Santos Neves é formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com pós-graduação em Gestão em Assessoria de Comunicação pela Faesa. Trabalhou no jornal A Gazeta entre 1994 e 2013, como repórter, crítico musical e editor do Caderno Dois. É o criador da página Fanzine, que circulou entre 1995 e 2011 nesse mesmo diário, e do Caderno Pensar, espaço voltado para a reflexão cultural e difusão do conhecimento, que permanece em circulação.

É autor dos livros “Maysa” (2004), a primeira biografia da cantora Maysa, “A MPB de Conversa em Conversa” (2007), reunindo bastidores de 40 entrevistas com grandes nomes da música popular brasileira; “Rockrise – A História de uma Geração que fez Barulho no Espírito Santo” (2012), “Crônicas Musicais e Recortes de Jornal” (2015), “O Pop que fez História por estas Bandas - Arranjos para Orquestra de Violões” (texto e pesquisa - Fames, 2020) e “Os Sons da Memória - Uma Leitura Crítica de 40 discos que Marcaram Época na Música do Espírito Santo” (2021). Membro da Academia Espírito-Santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Vale Música ES

20 ANOS

Realização



estação
conhecimento

Patrocínio



INSTITUTO
CULTURAL
VALE